

## **A MALDADE CARICATA: REPRESENTAÇÕES PÓS-MODERNAS DO CORINGA EM *BATMAN: O CAVALEIRO DAS TREVAS***

**Ellen Cristine Alves Silva Canuto**

**Joseilton de Lima Correia**

**Regina de Andrade Batista<sup>1</sup>.**

Universidade Estadual da Paraíba

### **Resumo**

O presente artigo se constitui num comparativo do construto cinematográfico dos personagens do filme *Batman: O cavaleiro das trevas*, do diretor Christopher Nolan, com o comportamento da sociedade pós-moderna por meio documental e de uma pesquisa bibliográfica sobre a construção do comportamento moderno voltado para o avanço tecnológico e individualista que se apresenta no filme com aspecto irônico sobre uma sociedade caótica, o que nos permitiu fazermos reflexões sobre a semelhança da vivência contemporânea e um imaginário cinematográfico com relatos reais de uma sociedade atual, que tem como objetivo dialogar essa conduta pós-moderna implantada nos personagens principais que compõem o filme. Além disso, pretendemos identificar a ironia exposta pelos inimigos da modernidade que se instala no estresse cotidiano e no sentimento egocêntrico, que tentam viabilizar um conflito de moralidade entre os cidadãos da cidade de Gotham City, cidade onde se passa toda a história do filme, a fim de confundir os heróis dessa história. Neste sentido, procuramos discutir a cosmovisão dos personagens com a vida pós-moderna que desponta com ironia sobre o caos criado pelo estilo de vida e assim relacionar o realismo social com a ficção hilária dessa sociedade. Expondo a partir desse estudo um resultado de dependência do indivíduo com a tecnologia que nos remete ao individualismo e que nos faz encarar essa realidade com “risos”, sem precedentes, da própria confusão caótica do tempo e espaço que utilizamos no nosso cotidiano. Com uma caricatura que se aparentada no filme a cerca do sarcasmo da modernidade dando um sentido imaginário para fugirmos do real

---

<sup>1</sup> Graduandos no curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba.

em que estamos o que aparentemente é a consequência do avanço dessa sociedade estudada.

**Palavra-chave:** Pós-modernidade, ironia, caricatura

**Primeiras palavras:**

Este artigo destina-se a empreender um estudo da construção da ótica pós-moderno no filme *Batman: O cavaleiro das trevas*, do diretor Christopher Nolan, pelo discurso de identidade da sociedade contemporânea e o comparativo desse discurso com o cinema moderno interado no construto do filme apresentado.

O objetivo do presente artigo está em expor os personagens do filme a um comparativo com a sociedade pós-moderna, acerca de dialogar com a caricatura da vida real com a vida imaginária, que se confronta no decorrer da história, assumindo um caráter caótico perante a tecnologia implantada pela sociedade pós-moderna, ocasionando a existência do conflito na psique dos heróis e uma ironia na introdução sarcástica desse caos sobre a cidade ficcional de Gotham City.

Recorremos à pesquisa bibliográfica sobre a pós-modernidade e o cinema moderno, como uma via de acesso à revisão de literatura para uma submissão crítica do comportamento pós-moderno, com a utilização do aparato documental sobre o filme e a construção dos personagens expostos neste artigo. A fim de analisarmos esse comportamento caótico e, ao mesmo tempo, irônico que se difunde com o comportamento de nossa sociedade contemporânea, para então conceituarmos o comparativo da vivência real com a construção do imaginário cinematográfico.

## **O PÓS-MODERNISMO EM PERSPECTIVA**

O termo pós-modernismo surgiu em meados de 1950 para denominar as mudanças ocorridas nas sociedades, nas ciências e nas artes. Recorrendo-se às considerações de Jair Ferreira dos Santos acerca do advento desse período histórico, o autor aponta que.

[...] ele nasce com a arquitetura e a computação nos anos 50. Toma corpo com a arte Pop nos anos 60. Cresce ao entrar pela filosofia, durante os anos 70, como crítica da cultura ocidental. E amadurece hoje, alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pela tecnociência [...]. (SANTOS, 1991, p.08).

Em seu livro *O que é o pós-moderno*, o autor se expressa com sagacidade para definir a pós-modernidade e suas conseqüências para a sociedade contemporânea, que se deixa influenciar ou depender da tecnologia que se alastra, causando um aumento do individualismo humano, fator que leva o indivíduo a preferir o artificial ao real, baseando-se nas inúmeras informações fornecidas pelas vias de comunicação (TV, rádio, internet, cinema, livros.). Conforme aponta Santos (1991, p. 12), é preferível “[...] a imagem ao objeto, a cópia ao original, o simulacro (a reprodução técnica) ao real [...]”.

Sendo o avanço econômico um dos aspectos mais relevantes da pós-modernidade, confere sustentação à fase do consumismo, que fomenta um grau de individualismo sem precedentes. Desse modo, o poder aquisitivo conjugado à rapidez e à comodidade demandadas pela vida pós-moderna se convertem na valorização dos serviços prestados. Essa valorização se faz sentir com bastante preponderância na arte.

"[...] Assim, a arte e a realidade não-artística funcionam nas mesmas condições, como criadoras de significados e portadoras de significado, num mundo notório por ser simultaneamente afortunado e flagelado pela insuficiência e pelo excesso de significados." [...] "Num mundo como esse, todos os significados são sugestões, permitindo convite ao estudo e demonstração, interpretação e reinterpretação." (BAUMAN, 1998 p. 135).

O exemplo está exposto na arquitetura, escultura e literatura. Nas expressões artísticas, a ironia desponta como o riso de si mesmo e/ou do caos criado por esse estilo de vida.

Nesse ponto, a pós-modernidade se diferencia do moderno, que levava a arte a sério. Com todas essas mudanças, cria-se a idéia do niilismo, que se caracteriza como uma descrença absoluta nos valores da vida, pois o homem pós-moderno não acredita na salvação, nem em uma única verdade. Portanto, essa nova fase nos subjugava a um mundo de tecnologia da comunicação, refazendo-se, à sua maneira, com várias misturas de tendências, pesquisas, informações através do técnico e centralização do conhecimento por parte dos especialistas, principalmente dos cientistas. O Filósofo alemão Jurgen Habermas (1997) foi um grande crítico dessa centralização do conhecimento, ao dizer que o tecnicismo e o cientificismo, reduziam todo o conhecimento humano ao domínio da técnica e ao modelo das ciências empíricas, limitando o campo de atuação da razão humana ao conhecimento objetivo e prático.

Com o pós-modernismo, surge a pós-indústria, que perde a forma material da economia com o mecanismo do sindicato e a fundação de partidos políticos. Surgiu também a antiarte<sup>2</sup>, que se infunde nos objetos, na matéria e no riso, tornando a representação da crise do realismo, instaurando o caos na cosmovisão das pessoas e cindindo o sujeito, perplexo diante da fragmentação de todas as instituições sociais e filosóficas antes tidas como concretas e verdadeiras. Isso trouxe um cotidiano banalizado, uma literatura com pastiche, expondo a arte a comentários cômicos, desvalorizando a obra e causando a fusão da arte com a cosmovisão moderna, realidade que se estende também para o cinema. Santos (1991, p. 35) apontam ainda que, “no cinema, enfim, com altos efeitos especiais, corre solta a nostalgia acoplada à ficção científica. Reina o ecletismo (mistura de estilos) e o pastiche (imitação barata) [...]”. O cinema de orientação pós-modernista contém bases da tecnologia digital, marca indelével da condição pós-moderna.

Há um recorte do pós-modernismo para com a desconstrução do discurso filosófico, que se associa ao declínio dos valores e idéias das instituições ocidentais, causando uma queda no niilismo, cujo intuito era o de revelar uma falsidade no iluminismo, no Cristianismo e no marxismo, focando no estruturalismo como análise

---

<sup>2</sup> Um exemplo muito significativo é o *Dadaísmo* que tem como principais características a oposição a qualquer tipo de equilíbrio, a combinação de pessimismo irônico e ingenuidade radical, o ceticismo absoluto e a improvisação. O movimento dadaísta negava todas as tradições sociais e artísticas, tinham como base um anarquismo niilista e o slogan "a destruição também é criação". Uma imagem muito exponencial dessa corrente é: *A Mona Lisa de bigodes, de Marcel Duchamp (1887-1968)*. Que Pintou bigodes na Mona Lisa, para demonstrar seu desprezo pela arte tradicional.

dos fatos sociais remetidos a textos e discursos, ostentando uma sociedade caótica na qual o “lar afunda” e a família se decompõe, predominando a personalidade individual, um sujeito frio, sem religião, apegado ao seu psicológico, consumidor<sup>3</sup> dominado pelo imaginário.

Nesse espaço do pós-modernismo, colocamo-nos como sujeito do individualismo, com uma pitada de riso na ironia do caos, causado pelo acúmulo de informações soltas para que a partir destas o homem possa processar dados e se comunicar, deixando a vida mais solitária, favorecendo o mundo virtual ao real. As relações virtuais se estendem desde os relacionamentos pessoais aos profissionais, imprimindo um aspecto atávico à existência humana. Acreditamos que, de fato, a pós-modernidade trouxe um avanço tecnológico essencial para a construção do mundo contemporâneo, capaz de colaborar significadamente com a ciência, a medicina, a arte e a política. Porém, o posicionamento irônico de Santos no que tange ao pós-modernismo fica claro em seu efeito na psicologia humana, que modificou seus valores sociais e religiosos. Entretanto, acreditamos que tudo está ligado ao ser, e que o fato da especulação pode ser positivo para as descobertas que ajudam a progressão do homem como indivíduo e como peça social, para uma melhoria intelectual da contemporaneidade imposta por nós mesmos na procura do crescimento e avanço do conhecimento<sup>4</sup> sobre aspectos educacionais, filosóficos, científicos e historiográficos.

## **O CINEMA E A COSMOVISÃO PÓS-MODERNA: UM OLHAR FRAGMENTADO.**

O cinema é a grande impressão da realidade, uma novidade na ilusão do imaginário do espectador, que apresenta uma reflexão da contemporaneidade. Surgido em 1895, o cinema engaja um formato de uma cópia da vida, apresentando na “... tela a própria realidade...” (BERNARDET, 1980, p.16) para tornar viável a luta para o ocultamento artificial do cinema e sustentar a impressão do realismo. Colocando o espetáculo como um produto industrial, que torna viável a produção em massa e amplia

<sup>33</sup> Freud, no advento da Psicanálise, propôs o conceito de pulsão como sendo o impulso incontrolável de consumir um bem material, como tentativa de preencher o vazio existencial.

<sup>44</sup> Vale salientar que o Ocidente hoje vive imerso na chamada sociedade do conhecimento, centrada na importância da palavra escrita e no acúmulo de informações, que se esfacelam ante a impossibilidade de apreensão por parte do sujeito pós-moderno de sua totalidade.

as “[...] possibilidades de divulgação e de dominação ideológica e tem profundas repercussões sobre o mercado [...]” (idem, 1980, p.24) É nesse contexto ideológico que o cinema se estruturou no imaginário, como uma fábrica de sonhos, simbolizando também a ironia, o sarcasmo representado na pós- modernidade, que se estabelece na relação com outros elementos lingüísticos que transpassem os acontecimentos e pessoas reais dentro da presença do social, para se obter um caráter natural dos fatos. Mesmo que os personagens e a localidade sejam fictícios, o mais importante é reforçar as emoções e explorar a aparência da sociedade apresentada nas cenas. Constituindo então no que se refere à imaginação “[...] a dimensão imaginária inaugura a subjetividade humana, sendo nossas relações com os semelhantes moldadas pela repetição de uma imagem [...]” (SANTAELLA, 2008, p.190). O cinema, dessa forma, elabora um valor particular para se relacionar com uma reavaliação das relações da imagem do eu com o coletivo, expressado em uma sociedade egocêntrica.

O contexto do cinema se conflagra na liberdade, que era uma promessa para o século XX e que permite viajar através das montagens de imagens, em um simples olhar, nos concedendo colocar o mundo dentro de uma tela, com perspectivas, simbologias, exploração de ambientes, reações e relações sociais, no que se refere a uma determinada sociedade que estamos estudando no seu refúgio social, que demonstra uma frustração da sua realidade moderna, realidade essa baseada no avanço tecnológico que enfatiza o consumismo e ocasiona o individualismo. Podemos desse modo, afirmar então que o cinema é encarado por alguns como um lugar e revelação de aproximação da verdade, reservando surpresas e possibilitando “[...] ver de tudo [...] de modo a surpreender detalhes no fluxo dos acontecimentos e dos gestos [...]” (XAVIER, 2003, p.36) Essa expressão artística, portanto, elabora o mundo da ilusão entre o visível e o invisível, nas representações de imagens do realismo social e a ficção hilária.

É nessa contextualização que o filme *Batman: o cavaleiro das trevas*, do diretor Christopher Nolan, mostra, através de seu personagem principal, um herói da modernidade, um ser único e solitário marcado pela objetividade, pela moralidade, por uma autonomia em oposição à tirania política e social na pós-modernidade. Rejeitando o seu eu em favor da coletividade, Batman representa a imagem com suas diversas modalidades, que se preocupa em proteger a cidade, as pessoas do mal que as rondam, ao mesmo tempo em que procura se esconder por trás de uma máscara para que assim o

bem possa prevalecer sem maiores precedentes, apresentando, o elemento essencial do pós-moderno com a sociedade. Batman foi criado pela ciência e pelo conhecimento tecnológico. A apropriação do desenvolvimento tecnológico lança-o num caminho de ultrapassagem das limitações humanas. Ele se torna superior. A tecnologia é investida de autonomia. Consequentemente, as oposições encontradas são igualmente autônomas e radicais. Batman faz o uso de “males” da pós-modernidade para justamente se opor a ela. Neste personagem, sempre se enxerga um conflito de valores, há oposição entre dever e alegria de viver, razão e sensibilidade, luz e trevas. Esse herói tenta conciliar o seu mundo imaginário com a luta pela sobrevivência em terrenos adversos, com lutas internas através de questionamentos que são manifestados em ser um herói ou um homem, conflitos esses que se misturam aos conflitos globais da cultura, da sociedade e da política no final do século XX e início do século XXI, com seus avanços tecnológicos que se inserem no mundo desse “justiceiro”. O filme retrata o realismo, com uma história sombria, repleta de situações contraditórias entre Batman e seu contexto sociocultural, um combate entre a tragédia e a comédia inserida pelo seu inimigo, o Coringa, que trata a vida como uma “alegria” cômica através da sua vestimenta colorida e seus armamentos com formatos infantis, além, claro, de suas piadas irônicas que demonstram um profundo desprezo à vida alheia, que pode ser bem retratado no contexto da pós-modernidade, que, em sua arte, encara a sociedade com ironia, rindo da sua “desgraça”, transformando o homem em um ser individualista.

Neste filme, podemos identificar o confronto de um herói, que usa trajes sombrios para combater o mal. Esse mal, que quer espalhar o caos em meio a risos contra ele mesmo, marginalizando a sociedade que se deixa banalizar pelo individualismo do homem pós-moderno, ocultando pessoas com um teor de brutalidade, e falta de controle emocional perante as tantas pressões sociais causadas pela própria sociedade, que tenta se acentuar em meio às mudanças sócio-políticas desse período, canalizando um herói próximo ao homem comum e um inimigo que prioriza a destruição, seja ela como sonho, idéias, bens materiais, sem uma busca de controle, desvinculada de um ideal futuro, apenas pelo prazer em rir da sua infelicidade, da sua vida caótica, querendo mostrar outro lado dessa sociedade consumista, que não tem apenas um lado puro, e sim um lado que não aparece mais que está ali, rodando-lhe os passos com suas impurezas, com sua falta de companheirismo com o próximo, enfim, o

Coringa é bem representado por essas características que acentua não só o estabelecimento do caos na sociedade como a quebra de sua moralidade. Relacionando o coringa do jogo de cartas que tem uma função chave dentro do jogo, essa carta pode surgir em qualquer lugar e mudar o destino do jogo pregando peças, o que se percebe o porquê desse nome para um vilão pós-moderno, afinal ele quer realmente mostrar que pode se enquadrar em qualquer lugar e mudar o destino de uma ou varias pessoas, que se vêem fragilizadas pelo caos.

Na verdade, a crueldade e a insanidade de seus ataques, parecem buscar a todo tempo enlouquecer o Batman. Nota-se, portanto, que o objetivo do Coringa não é matá-lo, mas sim derrotar ao único homem que crê rivalizar com ele em genialidade, convertendo-o ao mundo dos loucos. Derrotar o Batman, não o torna um mártir, mas sim, mostra que tinha razão em ser louco, anárquico, niilista, caótico, sem esperanças.

É por isso que tanto o herói como o inimigo se misturam a essa sociedade pós-moderna, pois ambos não procuram fama, poder, dinheiro, mais o que lhes diferenciam, é exatamente a procura de justiça que leva o herói a um ideal elevado. O que devemos temer é apenas o nosso medo, algo que o Batman tem sob controle com sua autodisciplina, que não faz perder seu foco em busca de seu ideal justiceiro. Há também outra mensagem repassada por este filme, que nos revela uma dupla face perante sua dor, retratada por outro inimigo que nasce desse dilema vingativo o “Duas Caras”, que antes simbolizada o homem justo, coerente, responsável, porém, em meio a uma desgraça em sua vida, se torna um homem vingativo que não mede as consequências de seus atos, tentando ocultar sua culpa tirando a sorte em uma moeda para definir o futuro de quem se colocar em sua frente, ou no traçado desse futuro para aqueles que contribuíram com sua dor emocional, fazendo assim um jogo entre cara e coroa para definir sua personalidade dupla que trava uma luta interna entre o ter ou não ter controle de sua vingança e de seus atos. Pode-se dizer ainda, que o Coringa, graças a seu oportunismo, e avançada inteligência tem, em uma série de situações, a capacidade de levar os outros à total e decadente loucura. Nota-se tal ardil no filme Batman – O Cavaleiro das trevas que ele entorpece o bom senso de Harvey Dent, subjugando-o às loucuras niilistas de seu subconsciente, quando por fim o promotor cede ao inflamado discurso de revolta do Coringa e acaba por se tornar o Duas Caras. Que é justamente um individuo cido pelo elemento trágico, o que indeferiu a perda do seu grande amor em



meio a uma loucura instaurada pela violência sem precedentes, apenas pelo prazer de desconstruir o emocional do cidadão, ocasionando a instauração do caos em sua psique, onde meramente o coringa apenas potencializou esse caos.

Podemos então refletir que essa história descreve uma época de perigo, de desgraças, lançados pela pós- modernidade com cidades escuras e sombrias, espalhando o medo e a dúvida entre as pessoas, que não se sabem mais qual o seu valor primordial, mostrando que todos nós temos um lado bom e um lado ruim, basta escolhermos qual face devemos deixar aparecer, e assim tentando nos remeter a um ideal sem perder o controle em meio ao caos instituído dentro da sociedade.

### **Considerações Finais**

Ao analisar as facetas da pós-modernidade, é possível identificar as mais diversas situações sociais que o nosso mundo, hoje, vem enfrentando. A figura do Batman está inteiramente ligada a clandestinidade intelectual vívida por milhares de pessoas, oprimidas por todo de tipo de problemas sociais e intelectuais, que buscam mascarar o seu medo, se esconder do modo pelo qual essa sociedade caminha, que não possuem força suficiente para lutar contra o caos instalado na sociedade com a própria identidade. O Batman representa a esperança disfarçada de terror, apreensão, que vai a cada passo, tentando libertar o meio em que vive das sombras e da ironia, que se esfacela cada dia mais, se fragmentando como num jogo de baralho, onde o sistema é quem dá as cartas. Em meio a esse louco jogo, o Batman vem mostrar que embora seja o sistema pós-moderno quem embaralhe as cartas e nos coloque nesse meio, somos nós os jogadores, e por mais difícil que seja é possível enfrentá-lo de frente, sem medo das surpresas que a carta Coringa pode proporcionar. A análise dinâmica desse tipo de personagem permite uma aproximação dos temas psicológicos correntes na atualidade e a realização de seu ciclo heróico.

Considerando as etapas do processo de individuação, Batman está conscientizando e elaborando aspectos da sombra. Conteúdos reprimidos do inconsciente pessoal são resgatados, trazendo à tona a criança ferida. Há uma ampliação do contato com os próprios sentimentos e o conseqüente aprofundamento dos

relacionamentos afetivos. Elementos não-desenvolvidos, qualidades mantidas inconscientes, ganham forma nas projeções identificadas no Coringa. A tensão entre opostos fica evidenciada, com menor tendência à unilateralidade. Esse processo de ampliação da consciência permite que Batman ultrapasse uma visão bidimensional da realidade e busque novas perspectivas, que o aproximam da complexidade humana.

### **Referências Bibliográficas:**

ANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas, SP. Papirus, 1994, p.09-20.

**BATMAN cavaleiro das trevas**. Direção: Christopher Nolan. Produção: Emma Thomas, Charles Roven, Christopher Nolan, Los Angeles: Warner Bros. Entertainment, 2008,DVD1(152min).

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1998.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. 8. Edição. São Paulo. Brasiliense, 1986.

HABERMAS, Jürgen. Técnica e ciência enquanto ideologia. In.: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor; HABERMAS, Jürgen. **Textos escolhidos**. Trad. Zeljiko Loparic e Andréa Maria Altino de Campo Loparic. São Paulo: Abril Cultural, 1980. P. 313 — 343. (Original alemão) (Coleção Os pensadores).

SANTAELLA, Lucia. **Imagem: cognição semiótica, mídia**. 1. Edição, 4. Reimpressão. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SANTOS, Jair Ferreira. **O que é pós-moderno?** São Paulo: Brasiliense, 2002

XAVIER, Ismael. **O olhar e a cena: Melodrama, Hollywood, Cinema novo**, Nelson Rodrigues. São Paulo. Cosac & Naify, 2003, p.31-37.